

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE AGRICULTURA E ABASTECIMENTO
AGÊNCIA PAULISTA DE TECNOLOGIA DOS AGRONEGÓCIOS
INSTITUTO DE PESCA

**ABORDAGEM HISTÓRICA DA PESCA DA TAINHA *Mugil platanus* E
DO PARATI *Mugil curema* (PERCIFORMES: MUGILIDAE) NO LITORAL
NORTE DO ESTADO DE SÃO PAULO**

Roberto William von Seckendorff
Venâncio Guedes de Azevedo

ISSN 1678-2283

COMITÊ EDITORIAL DO INSTITUTO DE PESCA

Coordenação

Marcus Henrique Carneiro

Membros

Cláudia Maris Ferreira

Maria Teresa Duarte Giamas

Paula Maria Gênova de Castro

Rose Meire Vidotti

ESTE NÚMERO FOI SUBMETIDO À REVISÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA

Editor-chefe

Marcus Henrique Carneiro

Gerenciamento de Informática

Rodrigo Monteiro Diniz Junqueira

Divulgação

Centro de Comunicação e Transferência do Conhecimento

Núcleo de Informação e Documentação

**ABORDAGEM HISTÓRICA DA PESCA DA TAINHA *Mugil platanus* E DO PARATI
Mugil curema (PERCIFORMES: MUGILIDAE) NO LITORAL NORTE DO ESTADO DE SÃO
PAULO**

Roberto William von SECKENDORFF^{1,2}; Venâncio Guedes de AZEVEDO¹

RESUMO

Tainhas e paratis (Família Mugilidae) são recursos pesqueiros tradicionais nas regiões sul e sudeste do Brasil. São capturados com uma grande diversidade de métodos de pesca, especialmente por pescadores artesanais, mas em anos recentes tornou-se também importante espécie alvo para a frota industrial. As capturas ocorrem principalmente durante o inverno, durante a migração reprodutiva, o que pode causar redução na abundância das espécies e prejuízos para as pescarias no futuro. Neste trabalho são apresentados aspectos históricos da pescaria e recomendações para o manejo do recurso.

Palavras-chave: tainha, parati, pesca, história

ABSTRACT

Mullets (Family Mugilidae) are a traditional fishing resource in the south and southeaster regions of Brazil. It is caught by many different fishing methods, especially by artisanal fishermen, but in recent years it has also become an important target species for the industrial fleet. Catches occur mainly in the winter, during the reproductive migration, which can cause an abundance reduction of this species and damages to the fisheries in the future. In this work, historical aspects of the fisheries are presented and recommendations for the management of this fishing resource are given.

Key words: mullet, fisheries, history

¹ Pesquisador Científico – Instituto de Pesca – APTA – SAA - SP

² Estrada Joaquim Lauro de Monte Claro Neto, 2275, Ubatuba/SP. E-mail: rseckendorff@pesca.sp.gov.br

1- INTRODUÇÃO

A tainha *Mugil platanus* Günther, 1880 e o parati *Mugil curema* Valenciennes, 1836 são espécies de peixes pelágicos pertencentes à família Mugilidae. Esta família é constituída por espécies eurihalinas e euritéricas encontradas em águas tropicais e subtropicais de todo o mundo, sobretudo em regiões costeiras e estuarinas.

A tainha apresenta-se distribuída no Atlântico Sul Ocidental desde o Rio de Janeiro até a Argentina, possuindo grande importância comercial na região sudeste e sul do Brasil. Atingem até cerca de 1 m. de comprimento e 6 kg de peso, sendo comuns exemplares de 50 cm. Esta espécie passa grande parte de sua vida em regiões estuarinas. No outono os adultos abandonam o estuário da Lagoa dos Patos/RS, importante área de criação, e iniciam sua migração reprodutiva ao longo da costa, em direção ao norte, estimulada por quedas bruscas da temperatura provocadas pela entrada de frentes frias na região. É durante esta migração que ocorre a maior parte da pesca. A produção pesqueira é bastante variável de um ano para o outro, sendo extremamente dependente das condições ambientais. No litoral do Estado de São Paulo aparecem em maior quantidade entre os meses de maio e agosto (MENEZES e FIGUEREDO, 1985; MIRANDA *et al.*, 2006).

O parati é considerado a espécie de Mugilidae mais comum do litoral brasileiro, atingindo no máximo 45 cm de comprimento, sendo mais comuns exemplares em torno de 30 cm. Vive em grandes cardumes e no litoral do Estado de São Paulo ocorrem em maior quantidade no mês de março segundo MENEZES e FIGUEIREDO (1985).

Não existem dados precisos sobre locais de desova no litoral brasileiro. A maioria dos trabalhos sobre o assunto (MENEZES, 1983; MENEZES e FIGUEREDO, 1985; VIEIRA e SCALABRIN, 1991; ZAVALA-CAMIN e SECKENDORFF, 1993) indica que os representantes da família Mugilidae desovam no mar e os juvenis, depois que adquirem a capacidade de nadar ativamente, locomovem-se para águas mais costeiras, penetrando então nos estuários, onde se estabelecem por algum tempo, algumas formas subindo os rios por uma distância considerável. Ocorrem em grande número nas lagoas estuarinas e, ao que tudo indica, passam grande parte do seu ciclo de vida nesses ambientes, migrando depois para o mar (MENEZES e FIGUEREDO, 1985).

Alimentam-se de algas microscópicas ou filamentosas como as diatomáceas, de pequenos organismos planctônicos e de detritos (FROESE e PAULY, 2007).

O presente relatório técnico-científico teve origem na solicitação de um laudo técnico solicitado pela Associação Pescadores da Enseada de Ubatuba, São Paulo, sobre o petrecho e a técnica tradicional empregada na pesca artesanal da tainha e do parati e o atual estado de utilização dos recursos. Para a realização do presente trabalho, recorreu-se ao levantamento de

bibliografias disponíveis sobre o tema, assim como através de entrevistas com antigos pescadores artesanais.

2- CONTEXTO HISTÓRICO

A importância da migração anual da tainha para a região durante os meses de inverno foi relatada por vários cronistas europeus do Século XVI (STADEN, 1974; LÉRY, 1980), por representar farta disponibilidade de alimento para os indígenas do tronco lingüístico tupi que habitavam desde o litoral norte do Estado de São Paulo até Cabo Frio, no Estado do Rio de Janeiro. Hans Staden, que conviveu com eles por 9 meses, relata no texto originalmente publicado em 1557 (STADEN, 1974):

“Neste tempo (agosto) procuram uma espécie de peixes que emigram do mar para as correntes de água doce, para aí desovar. Estes peixes se chamam em sua língua piratís e em espanhol “lisas” (tainhas). Pescam grande número de peixes com pequenas redes. O fio com que as emalham, obtém-no de folhas longas e pontudas, que chamam tucum. Quando querem pescar com estas redes, juntam-se alguns deles e colocam-se em círculo na água rasa, de modo que a cada um cabe um determinado pedaço da rede. Vão então uns poucos no centro da roda e batem na água. Se algum peixe quer fugir para o fundo, fica preso à rede. Aquele que apanha muito peixe reparte com os outros que pescam pouco. Também os atiram com flechas. Têm a vista aguçada. Quando algures vem um peixe à tona, atiram-no, e poucas setas falham. Recolhem grande porção de peixes, torram-nos sobre o fogo, esmagam-nos, fazendo deles farinha, a que chamam piracuí, que secam bem afim de que se conserve por muito tempo. Levam-na para casa e comem-na juntamente com a de mandioca”.

Gravuras que ilustram a publicação (STADEN, 1974) indicam que eles utilizavam também “tapagens” ou “cercadas”, barreiras de galhos fincados em locais rasos onde os peixes ficavam retidos com o refluxo da maré, recolhendo-os então com pequenas redes semelhantes a cestos.

No Séc XX volta-se a ter registros expressivos sobre a pesca da tainha e do parati. O historiador Edson Silva (*comunicação pessoal*), que a vivenciou na década de 1940, relata sobre a pesca com o “arrastão de praia”:

“A pesca da tainha praticada pelo sistema de rede de arrastão, exigia um ritual que transformava a simples prática de puxar a rede à praia em um aparato de beleza que atraía toda a população da cidade para ver o espetáculo. Isso acontecia principalmente durante o mês de maio, junho e

julho. Nessa época a tainha chegava formando grandes cardumes fugindo das águas frias do sul. As redes eram especiais para esse tipo de peixe. Os pescadores que possuíam esse tipo de rede, com malhas maiores e altura suficiente para chegar ao ponto mais profundo, se reuniam, convocavam seus ajudantes, denominados "camaradas" para cada um ocupar a sua posição de trabalho. Eram necessárias cinco ou mais redes que eram emendadas (alinhavadas) para completar toda a extensão, saindo da praia, dando a volta por fora do cardume e voltando a praia, sem deixar espaço vago para o peixe não fugir. Era preciso mais de mil braças de redes. Para localizar o cardume e saber quando estava no "lanço" (ponto exato para o início do lançamento das redes), eram escolhidos experientes pescadores chamados de "espias", que de acordo com a quantidade de tainha que pulava, calculavam a quantidade de peixe que estava no cardume. Eles se posicionavam no mar e os de terra aguardavam o sinal que ele dava com o chapéu, avisando que o cardume estava no ponto de cercar. Os espias que se destacavam eram: Candinho Manduca no Perequê-Açú, Constantino Duarte no Itaguá, Constantino Eugenio nas Toninhas, João Vitório na Enseada. Os grandes pescadores que possuíam redes para esse tipo de pesca eram: Antonio Athanásio da Silva, Alfredo Vieira, Didito e Neném da Luz na praia da cidade, Brazinho no Itaguá, João Glorioso no Saco da Ribeira e João Vitório na Enseada. Quando o espia dava o sinal com o chapéu, os que aguardavam lançavam as canoas ao mar. Tudo era muito rápido porque as tainhas eram muito espertas e fugiam do lanço. Contornando toda a rede, dezenas de canoas permaneciam junto ao cabo da bóia, aguardando as tainhas que quando se sentiam cercadas, saltavam para fugir do cerco e caíam nas canoas. Cada canoa possuía uma rede protetora vertical destinada a impedir que a tainha pulasse por cima da canoa e conseguisse fugir. Eles eram chamados de "aparadores". Na praia, os camaradas puxavam a rede em ritmo cadenciado e lentamente o lanço chegava ao fim. A expectativa da multidão que se reunia na praia era igual a dos camaradas que faziam previsões otimistas do resultado daquele lanço. Quando toda a rede chegava à praia os camaradas preparavam o monte de tainha para começar a divisão. Os aparadores aguardavam nas suas canoas, para entregar aos donos das redes um terço do que conseguiram aparar. O resultado total do lanço era dividido entre os donos das redes, chamado de "quinhão". Cada dono começava a divisão entre os seus camaradas. Primeiro era separado o quinhão do santo, denominado de "tara". Em cada cem tainhas era separada a mais bonita e maior que era vendida por um preço melhor e com o dinheiro faziam uma festa, em cada praia, ao fim de cada temporada de pesca. Um terço era separado para o dono da rede, denominado de "mestre". Os restantes dois terços eram divididos entre os camaradas. Com a posse da sua parte, cada um corria para vender o seu produto. Entre os expectadores, muitos procuravam ajudar a puxar a rede e eram contemplados com algumas tainhas. Todos ficavam satisfeitos com o espetáculo e voltavam para casa aguardando o próximo lanço".

Outra rica descrição da pesca da tainha e do parati foi feita por Gioconda Mussolini, em trabalho publicado originalmente em 1945 (MUSSOLINI, 1980):

“...a tainha, peixe cuja pescaria, além de constituir denominador comum na cultura litorânea, tem atrás de si toda uma série de práticas tradicionais que ilustram o tipo de organização da pesca caracteristicamente local”.

A autora, além de analisar detalhadamente a pesca com o “arrastão de praia”, enfoca também a pesca com as “redes de emalhar” ou “tresmalhos” utilizadas no cerco da tainha:

“O espetáculo do cerco da tainha é dos mais impressionantes. Os iniciados na pesca conhecem de longe quando o cardume se aproxima pela opacidade que forma n’água e pelo ligeiro marulhar, que ao leigo escapam. De vez em quando, uma ou outra salta com o dorso prateado reverberando ao sol, pela simples direção do salto, sempre para frente ou para rumos diferentes, sabem se ela está desgarrada ou em manta. Em geral, nas praias em que a tainha é abundante, há o “espia”, velho pescador que conhece muito bem não só os hábitos dos peixes como os “movimentos” do mar em sua praia. Do alto de uma pedra, passa o dia todo, durante a época da tainha, a vigiar o mar. Avistada a manta, toca um búzio: é a “buzina da rede”. Abandonam todos o que estão fazendo e correm para a praia, atendendo ao chamado. Canoas e redes já estão prontas para serem roladas ao mar. Seguem as canoas que vão fazer o cerco e no seu encalço, as que vão “aparar”. O espia continua na praia controlando os movimentos. Dele partirá a ordem para o lançamento: um simples movimento de braços.

O toque do búzio tem que se dar quando o peixe está a uma distância suficiente para que haja tempo para tudo: puxada da canoa para o mar, embarque, emenda das redes. E tudo isso com um mínimo de barulho (nas redes destinadas à tainha, na tralha de chumbo, em lugar de chumbo, usam-se saquinhos de lona cheios de areia grossa, para evitar o barulho nos bordos da canoa e não espantar o peixe arisco) e o máximo de rapidez. Está formado o cerco. Arisca como é a tainha tenta saltar para fora do obstáculo, principalmente porque, para excitá-la, se bate com os remos nos bordos da canoa e mesmo dentro d’água. Mas difícil é escapar: Complementando o trabalho das canoas dos tresmalhos, dispõem-se nas proximidades as chamadas canoas de apara, dotadas de uma espécie de entreparo de rede, içado perpendicularmente em um de seus bordos com o auxílio de varas móveis, formando uma parede contra a qual o peixe, no salto, vai bater, caindo dentro do bojo da canoa. Terminado o cerco, desatam-se as redes e cada canoa volta recolhendo a rede e o peixe “emalhado”, e voltam à terra com o respectivo carregamento que vai se amontoar num lugar comum para a partilha. Pelos varais suspensos à frente das casas, por muito tempo se

verão expostas ao sol, a secar, as tainhas salgadas que irão constituir a reserva nos momentos de escassez”.

Sobre as dimensões dos tresmalhos, cita a autora:

“Comumente, tem 70 braças de comprimento (cada uma das partes), por seis de altura. Sua malha, quando para parati é de uns 2 cm. e quando para tainha, um pouco maior”.

Menciona ainda um interessante detalhe técnico:

“A pescaria à noite, além da vantagem de não impedir as atividades diurnas, apresenta a de que, com uma rede de seis braças de altura, pode-se cercar peixe numa profundidade muito maior. Quando durante o dia, há necessidade de deixar “rede morta” que toque o fundo, impedindo que o peixe saia por baixo (quando é cercada u’a manta parada, as tainhas fazem um movimento rápido para o fundo, levantando grande quantidade de lodo. Nesse movimento, encontrando saída por baixo, se vão)”.

3- A EXPLORAÇÃO ATUAL DO RECURSO

Atualmente, a maior parte da pesca da tainha ocorre durante o período de migração reprodutiva, desde a costa do Rio Grande do Sul até o litoral paulista, o que pode acarretar uma diminuição da abundância dessa espécie e prejuízos para as pescarias futuras. Nos últimos anos, com a diminuição da pesca da sardinha-verdadeira *Sardinella brasiliensis* (Steindachner, 1879) (Clupeiformes: Clupeidae), a frota industrial de traineiras do sul e do sudeste do Brasil passou a dirigir suas capturas para espécies antes consideradas acessórias, entre elas, a tainha. O desenvolvimento tecnológico e o aumento do poder de pesca causado pelo uso de ecossonda, sonar, GPS e “Power Block” que possibilitou o aumento do tamanho das redes de cerco, atingindo até 1.400 m de comprimento e mais de 100 m de altura, com malha de 12mm medidas de nó a nó, tornaram a tainha altamente vulnerável, resultando na diminuição da captura dessa espécie por pescadores artesanais.

Na costa de São Paulo, considerando as informações estatísticas para o ano 2004 (ÁVILA-DA-SILVA, 2005), as principais capturas desembarcadas de tainha ocorrem nos portos de Santos e Guarujá (53,4%) seguidos de Cananéia (25,6%) e Iguape (17,5%). Do total, 55,8% foi proveniente da frota industrial de traineiras, 20,5 % da pesca artesanal de cerco-fixo e de 10,2 % da pesca com rede-de-emalhe. Do total de 613,6 toneladas desembarcadas, apenas 6,5% foi capturada com o arrasto-de-mão (ou arrasto-de-praia), arte de pesca tradicional para o recurso, no município de Iguape. No período 1995 a 1999 segundo GASALLA *et al.* (2003), a tainha aparece como quarta

colocada dos desembarques de traineiras efetuados nos portos de Santos e Guarujá, atrás da sardinha-verdadeira, da cavalinha *Scomber japonicus* (Houttuyn, 1782) (Scombridae) e palombeta *Chloroscombrus chrysurus* (Linnaeus, 1766) (Carangidae).

Já o parati, também de acordo com as estatísticas oficiais da pesca paulista (ÁVILA-DASILVA *et al.*, 2005), não se configura como recurso pesqueiro importante do ponto de vista dos volumes desembarcados. Apenas 45,5 toneladas foram registradas no ano 2004, capturadas principalmente nos meses de primavera e verão, com o pico de 10 toneladas (22%) em novembro e provenientes do município de Cananéia (88,5%).

No litoral norte do Estado, os desembarques controlados provêm da pesca industrial com rede-de-entalhe e algumas traineiras. É preciso salientar que as capturas da pesca artesanal nem sempre são reportadas para consolidar a estatística pesqueira. Na região, não se utiliza mais o arrastão-de-praia, tanto pela pouca disponibilidade dos cardumes como pela dificuldade de conseguir a mobilização do grande contingente humano necessário para a pescaria, decorrente de alterações na organização social das comunidades. Assim, tainhas e paratis são capturados, atualmente, quase que exclusivamente pela pesca com rede-de-entalhe.

Para que sejam eficientes, é importante que as redes destinadas à captura de tainhas e paratis tenham sua tralha de chumbo encostada ao fundo e a tralha de bóias na superfície. As características da região levaram ao uso de redes para tainha com 3 a 4 panos de altura (até 14,0 m) e malha acima de 10 cm entre nós opostos e redes para parati com 3 a 4 panos de altura (até 8,5 m) e malha 6 cm entre nós opostos, por serem tais dimensões consideradas adequadas para o fim a que se destinam.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

Os mugilídeos, particularmente a tainha, são recursos tradicionalmente explorados pela pesca costeira, tendo sido incorporada a diversas manifestações culturais. A tainha é capturada, ao longo de sua área de ocorrência, por diversas modalidades de pesca, predominantemente durante sua migração reprodutiva, o que a torna um recurso vulnerável, podendo, se explorada de forma indevida, acarretar prejuízos para as pescarias futuras.

Recomenda-se monitorar as capturas de tais espécies e baseado no acompanhamento de tal cenário, adotar medidas de ordenamento que levem em consideração as características biológicas das espécies e as particularidades de cada região onde este recurso pesqueiro é explorado.

5- BIBLIOGRAFIA

- ÁVILA-DA-SILVA, A.O.; CARNEIRO, M.H.; MENDONÇA, J.T.; SERVO, G.J.M.; BASTOS, G.C.C.; OKUBO-DA-SILVA, S.; SAKAMOTO, M.S. 2005 Produção pesqueira marinha do Estado de São Paulo no ano 2004. **Sér. Relat. Téc.**, São Paulo, **20**: 1-40. Disponível em: www.pesca.sp.gov.br/publicacoes.shtml. Acesso em: 14 mai. 2007.
- FROESE, R e PAULY, D. (Eds) 2007 **Fishbase**. World Wide Web electronic publication. www.fishbase.org, version (05/2007). Acesso em: 14 mai. 2007.
- GASALLA, M.A.; SERVO, G.J.M.; TOMÁS, A. R. G. 2003 Dinâmica da frota de traineiras da região de Santos, SP. In Cergole, M. C. & Rossi-Wongtschowski, C. L. D. B. (Coords). 2003. **Análise das principais pescarias comerciais do sudeste-sul do Brasil**: Dinâmica das frotas pesqueiras. Editora Evoluir, SP. p.227-249.
- LÉRY, J. de 1980 **Viagem à terra do Brasil**. São Paulo. Ed. da Universidade de São Paulo. 302 p.
- MENEZES, N.A. 1983 Guia prático para conhecimento e identificação de tainhas e paratis (Pisces, Mugilidae) do litoral brasileiro. **Rev. Bras Zoologia**, Curitiba, **2**(1):1-12
- MENEZES, N.A. e FIGUEIREDO, J.L. 1985 **Manual de peixes marinhos do sudeste do Brasil**. Vol. V, Teleostei(4). São Paulo: Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo. 105p.
- MIRANDA, L.V.; MENDONÇA, J.T.; CERGOLE, M.C. 2006 Diagnóstico do estoque e orientações para o ordenamento da pesca de *Mugil platanus* (Günther, 1880). In: ROSSI-WONGTSCHOWSKI, C.L.B.; ÁVILA-DA-SILVA, A.O.; CERGOLE, M.C. (Eds.). **Análise das principais pescarias comerciais da região sudeste-sul do Brasil**: dinâmica populacional das espécies em exploração - II. Série Documentos REVIZEE - Score Sul. São Paulo, Instituto Oceanográfico, Universidade de São Paulo. p.38-48.
- MUSSOLINI, G. 1980 Ensaio de antropologia indígena e caiçara. Corone, E. (Org.). Editora Paz e Terra. **Coleção Estudos Brasileiros**, Rio de Janeiro, **38**: 290p.
- STADEN, H. 1974 **Duas viagens ao Brasil**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo. 218p.
- VIEIRA, J.P. e SCALABRIN, C. 1991 Migração reprodutiva da "Tainha" (*Mugil platanus*, Günther, 1880) no sul do Brasil. **Atlântica**, Rio Grande, **13**(1): 131-141.
- ZAVALA-CAMIN, L.A. e SECKENDORFF, R.W.V. 1993 Nota sobre a ocorrência de tainha-listrada, gênero *Mugil*, na região pelágica do sudeste do Brasil. **Atlântica**, Rio Grande, **15**: 135-138.